

ENTREVISTA

Prof. Dr. Cláudio Gonçalves Couto (Fundação Getúlio Vargas EAESP)

Sobre o entrevistado — Cláudio Gonçalves Couto é cientista político, com mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Gestão Pública da FGV EAESP, onde coordena o Mestrado Profissional em Gestão e Políticas Públicas (MPGPP). É docente desse mestrado profissional, bem como da graduação em Administração Pública e da pós-graduação acadêmica (mestrado e doutorado) em Administração Pública e Governo. Ainda na FGV é pesquisador do Centro de Política e Economia do Setor Público (CEPESP). Foi secretário adjunto e, depois, secretário executivo da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais). É bolsista de produtividade do CNPq (nível 1C) e edita o canal do Youtube e Podcast #ForadaPolíticaNãoháSalvação.

Quais são os possíveis cenários políticos para a eleição no Brasil? Quais partidos políticos podem se destacar?

Cláudio Gonçalves Couto — Creio que temos uma eleição em que a bipolarização entre Lula e Bolsonaro se impõe e dificilmente será alterada por acontecimentos normais de campanha. Apenas um fato extraordinário poderá mudar isso, tendo em vista a manifestação dos eleitores desses dois candidatos de não estarem propensos a mudar seus votos - como mostram diversas pesquisas. Assim, a questão passa a ser o quanto a votação irá se concentrar em ambos. A depender do grau de concentração, que depende também

da erosão dos demais candidatos, há uma chance considerável de essas eleições serem finalizadas ainda no primeiro turno.

Qual o balanço do governo Bolsonaro?

CGC — Foi um governo desastroso sob todos os aspectos. Desmontaram-se diversos âmbitos da administração pública, foram desorganizadas políticas públicas que levaram anos para ser estruturadas, envenenou-se o ambiente político e se produziu uma crise institucional sem precedentes no funcionamento e na relação dos três poderes. Instituições cuja autonomia funcional e operacional seria primordial, como a Polícia Federal e a Procuradoria Geral da República, foram capturadas. E ainda, como se não bastasse, tivemos a perda evitável de centenas de milhares de vidas humanas em função da gestão caótica e sabotadora da pandemia, assim como danos ambientais de grande magnitude e provavelmente irreversíveis. O Brasil se tornou um pária internacional e perdeu influência nos principais debates globais, em particular aqueles em que se destacava, como o relacionado à questão ambiental. Foram anos de destruição que exigirão muito mais anos para reconstruir tudo.

Podemos dizer que vivemos o retorno do ciclo de conquistas eleitorais de partidos de esquerda na América Latina?

CGC — É o que parece se olhamos o cenário imediato, com as eleições na Bolívia, no Chile, na Colômbia e, muito provavelmente, no Brasil. Na Argentina, pelo fracasso do governo *kirchnerista*, é provável que a direita volte ao poder. No Uruguai uma direita moderada venceu as últimas eleições; agora é questão de saber se terá condições de se manter pelo próximo quadriênio. No México há também um governo de esquerda muito forte, embora com algumas práticas populistas questionáveis. Outros casos de governos de esquerda, como Venezuela, Nicarágua e Cuba têm que ser considerados à parte, pois se trata de regimes autoritários.

É possível apontar quais serão os principais temas de agenda da campanha presidencial?

CGC — Creio que o principal tema para a maior parte do eleitorado tem sido a questão da pobreza, que aumentou muito de 2015 para cá. Também a desigualdade aumentou sobremaneira. E o atual governo nada fez para lidar com isso, exceto as medidas eleitoreiras de última hora. Também a questão feminina ganhou proeminência, principalmente por conta do comportamento presidencial. Por fim, mas de modo algum menos importante, creio que esta é uma eleição em que está em jogo a própria democracia, já que Bolsonaro é um autoritário que trabalha diuturnamente para produzir uma ruptura institucional e sepultar o Estado Democrático de Direito. Felizmente, a sociedade civil e a própria classe política, em boa medida, têm reagido a isso.

Podemos comparar o fenômeno do *antipetismo* - um dos fatores – que culminou na vitória de Jair Messias Bolsonaro ao presente *antibolsonarismo* que poderá levar Luís Inácio Lula da Silva ao Palácio do Planalto?

CGC — Certamente é possível comparar, pois ambos produzem decisões eleitorais fortes e de difícil reversão no curto prazo. Isso resultou na grande derrota eleitoral do PT nas eleições municipais de 2016, quando perdeu 60% de seus prefeitos e vereadores. Foi também fundamental para a inviabilização da candidatura de Lula e a derrota de Haddad em 2018. Contudo, esse antipetismo refluíu, em parte pela revelação para o grande público das atrocidades jurídicas cometidas pela Lava Jato, em parte por conta do desastre do governo Bolsonaro - que também gerou o *antibolsonarismo*. Não é de se estranhar que o *antibolsonarismo* seja o principal fator a definir esta eleição.

Entrevistador: José Renato Ferraz da Silveira.